SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ
Guia - Ano 2 | N'20 | Julho de 2023
SOFRER
TUDO
PADECER

ZELO
ZELATUS SUM PRO
WALI
DOMINO DEO EXERC
SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ

04.
17.
35.
45.
EDITH STEIN E O RACIONALISMO DO SÉCULO XX
BREVE BIOGRAFIA DE SANTA TERESA
BENEDITA DA CRUZ
EDITH STEIN E SÃO JOÃO DA CRUZ
A MISSÃO DA
MULHER SEGUNDO
EDITH STEIN

6
Edith Stein quando era estudante em Breslau.
Augusta Stein, mãe de Edith Stein.
Edith Stein e sua irmá Erna.
Tendo nascido na última década do século XIX, Edith Stein, em que pese ter tido uma família judia que rezava diaria- mente e ia à sinagoga - apresentando uma capacidade ímpar para os estudos e a erudição - acabou sendo formada na mentalidade vigente. Adotando várias ideias de seu tempo e sendo instigada por uma sede investigava da Verdade, desde os 13 até os 18 anos manteve algumas posturas ateístas (além disso, ao sofrer influências políticas, se mostrava inclinada às pautas feministas).
Ainda assim, quando ingressou na universidade de sua ci- dade natal, procurou estudar o maior número possível de disciplinas, sobretudo os estudos de línguas, história e psi- cologia. Foi uma brilhante aluna nos cursos que realizou e, por ambição de conhecimento, decidiu trocar de instituição para estudar com mais famoso professor de filosofia da tinha uma Alemanha de se tempo: Edmund Husserl, teoria que se tornava cada vez mais conhecida naquele país germânico e no mundo inteiro.
que
7

Edmund Husserl, criador da fenomenologia.
O primeiro trabalho importante de Stein, guiado por Hus- serl, foi sua tese de doutorado "Sobre o problema da empatia", escrita em 1917. Nesse livro, Edith discorre sobre a empatia como movimento em direção ao outro, para conhecê-lo. É um método que obriga a

pessoa a sair de uma visão centrada em si mesma para compreender o que é vivido pelo outro (aliás, eis aqui uma ideia que se distancia do racionalismo: o outro não é uma projeção da minha mente, mas uma reali- dade externa que eu devo captar e me aproximar).

Em "Ser finito e ser eterno", Edith desejou fazer uma análise dos conceitos de ato e potência a partir da ontologia aristo- télica e tomista, procurando realizar uma aproximação entre a fenomenologia e a doutrina de Santo Tomás de Aquino.

O motivo mais relevante - e que a fez querer aprofundar os estudos em filosofia na Universidade de Göttingen - foi uma espécie de decepção com a psicologia experimental de base kantiana. Assim, encontrou na teoria de Humeri uma resposta parcial para seus anseios.

Os estudos desenvolvidos com o filósofo alemão no campo da fenomenologia acabaram sendo muito im- portantes em sua trajetória intelectual e espiritual. De fato, ela tornou-se conhecida por sua competência em filosofia fenomenológica e obteve a função de assistente de seu pro- fessor, após finalizar os estudos de doutorado. As pesquisas de Husserl centravam-se na busca pela objetividade do co- nhecimento, afastando-se das visões subjetivistas e do positi- vismo, as quais haviam se tornado hegemônicas nos séculos que o antecederam.

8

☆

Registro de uma das anotações de Edith Stein.

Edmund Husserl,
Du Krisis der europicELI
schen Whis machaft und die hauran tale Plan munologie. Eine Einleitung
in die pleknomenologische Philosoptie EDITH STEIN (Erschien im I. Band der Zeitschrift Philosophica», Belgrad 1936) J. 77/176).
Arthur Liebert, der frühere Herens- geber der, Kansalindien", hat suisen. Berlin mach
Belgrad
you sur
als Nachfol-
die Zeitschrifte
Panthers. For I. Band
Antendrift bringt.
folj
1935
bussert, des
Rashag
Es werden dann Erden-
Praz
Brumber.
Ben Zugründer der Phänome- Freiburg 770.
mologie letz in
Leit.

9

uma visão que nega a capacidade humana de conhecer o que Ao estudar o ser e as essências, afastou-se definitivamente de são as coisas. O que ocorreu com Edith Stein foi um movi

mento desde os princípios do ser em direção ao Ser Eterno,
com o abandono do subjetivismo reinante em seu tempo. Ela sempre se mostrou muito competente no trabalho filo- sófico, com uma entrega e devoção à busca da verdade c merecem registros na história.
que
Na sua aproximação da fé católica, teve muita influência o estudo do pensamento de Platão, Santo Agostinho, Aristó- teles e Santo Tomás. É notável sua admiração pelas obras do Doutor Angélico, o que a levou a traduzir o "De Veritate". obra do Doutor Comum que é extremamente "antiraciona- lista". Na última fase de sua vida, quando ocorreu sua conversão ao catolicismo, adentrou nos caminhos da mística e bebeu dos escritos carmelitas de São João da Cruz e Santa Teresa de Jesus, grandes reformadores do Carmelo.
Santa Teresa de Jesus. Reformadora do Carmelo, de
Antonio Palomino.
Santo Tom Retábulo
17 201
એક ટ્રી અને ૫" છે મન તે ઘણ
Doutor da Igreja.
11

PARA SABER MAIS
OS
Na tradição da Igreja, há inúmeros motivos santos buscarem em Santo Tomás de Aquino uma resposta que fizeram para o seu tempo - especialmente nas questões mais importantes que envolvem a busca pela Verdade, a imortalidade da alma e o conhecimento de quem é Deus.
E pensando em ajudar você a se aproximar do Aquinate, elaboramos quatro motivos para você conhecer Santo Tomás, que você pode con-
ferir no QRCode ao lado.
Além disso, se você quiser conhecer uma das melhores biografias que já foram es- critas sobre o Doutor Angé- lico, escrita pelo grande G. K. Chesterton, entre no ca- tálogo de nossa loja virtual e adquira o box Santo Tomás de Aquino.
Sua vida representa um contraponto ao racionalis mo em diversas fases. Primeiro, como aluna exem- plar de Husserl, em que publicou importantes trabalhos utilizando o método fenomenológico, pois a fenomenologia procura utilizar um méto- do que aproxime o estudante do objeto estudado. Depois, com sua tese doutoral, aplicou o método de seu mestre na questão da empatia. Na sequ- ência, em "Ser finito e ser eterno", aprofundou o conhecimento abstrato e real dos entes. Por fim, com a leitura do "Livro da Vida" de Santa Teresa de Jesus - que a impactou de uma maneira muito intensa - sua exclamação ao término da leitura foi o de ter encontrado a Verdade.
A refutação mais eloquente do racionalismo em sua vida se dá no seu livro "A Ciência da Cruz", seu último trabalho escrito. Ao comentar o iti- nerário ascético descrito por São João da Cruz, Edith Stein evidencia a verdade sobre a vida hu- mana, que é configurar-se com Jesus Crucifica- do. A Cruz é uma escola de união com Deus e desvelamento da verdadeira natureza do homem.
"Se a alma quiser ter parte de sua vida, deve passar pela morte da cruz com Ele: como Ele, crucificar sua pró- pria natureza através de uma vida de mortificação e abnegação, e entregar-se à crucificação no sofrimento e na mor- te, conforme Deus ordenar ou permitir.

Quanto mais perfeita for esta crucifica- ção ativa e passiva, tanto mais intima se tornará a união com o Crucificado e mais abundante será a participação na vida divina." 1
122
13

INR
Edith Stein foi um grande sinal para uma época que se es- queceu de Deus e dos princípios do pensamento em busca da verdade. Ela não se contentou com o que ouvia e estuda- va, tampouco com os ensinamentos sinceros de sua família, mas investigou o ser das coisas. Desta forma, no ápice de sua jornada, encontrou a Graça e o seu Autor, o Autor do Ser, a Verdade!
Que sua vida nos inspire em tempos de relativismo e negação da verdade, quando todo conhecimento é tido como fluido e quando as coisas tomam a forma que o desejo humano dita, se afastando de sua essência, que é aquilo que Deus criou e ordenou. Que o progresso intelectual e espiritual de Santa Edith Stein nos retire da prisão de uma vida voltada para nós mesmos, e nos direcione para o encontro do outro e à união de vontade com o Ser Eterno, o Cristo Crucificado, Sabedoria de Deus.
14
Exaltação da Santa Cruz, de
Angelo Michele Gottarelli
in, Co-Padroeira da Europa.
ada da Catholic News Service.
15

16
BREVE BIOGRAFIA DE SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ
NOTAS:
1. Edith Stein, A Ciencia da Cruz (Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2023), p. 44. Parte I, cap. 6.
REFERÊNCIAS:
Danilo Souza Ferreira, Empatia: Uma História Intelec- tual de Edith Stein 1891-1942;
Edith Stein, Ser finito y ser eterno,
Juvenal S. Filho; Emerson Marcelo Ruiz, Da devoção à intelecção: os estudos steinianos no centenário de "O pro- blema da empatia";
Francisco Javier Sancho Fermin, La Ciencia de la Cruz de Edith Stein;
Waltraud Herbstrith; Marie-Dominique Richard, Edi- th Stein-a loucura da Cruz.
"Curvamo-nos profundamente diante do testemunho de vida e morte de Edith Stein, ilustre filha de Israel e ao mesmo tempo filha do Carmelo. Irma Teresa Benedita da Cruz, personalidade que traz em sua intensa vida uma dramática síntese de nosso século, uma síntese cheia de feridas profundas que ainda san- gram; ao mesmo tempo, a síntese de uma verdade plena acima do homem, em um coração que permaneceu inquieto e insatis- feito por tanto tempo, até que finalmente encontrou a paz em Deus, " 1
Edith Stein nasceu no dia 12 de outubro de 1891, em Bres- lávia, cidade polanesa que se encontra às margens do Rio Oder, a 350 metros de distância da capital Varsóvia. Seus pais, que eram judeus, tinham nacionalidade alemá; eles educaram Edith na fé judaica e, embora tivesse conser- vado muitos valores morais e mantivesse uma boa conduta, no decurso dos anos ela praticamente se tornou ateia.
17

Edith Stein aos três anos de idade. Imagem retirada do site Aleteia.
Edith Stein e sua irmá Erna.
O pai de Edith, dono de uma madeireira, morreu quando ela tinha apenas dois anos. Sua mãe, uma mulher muito tra- balhadora, precisou se defender e cuidar sozinha da família e dos negócios, mas não conseguiu manter a religiosidade em seus filhos. Edith, por volta dos quatorze anos, perdeu a fé em Deus e, de forma consciente e voluntária, desistiu da oração.
18
Em 1911, recebeu o seu diploma de Ensino Médio com lou- vores. Depois disso, começou a cursar Letras e História na Universidade de Breslavia - e seu objetivo era apenas obter sustento material, cu verdadeiro interesse era estudar por estar interessada em questões filosofia. Em par feministas) se jusganização denominada Associação Prussiana para adus Mulheres ao Voto; depois de de- dicar-se por um tempo à militância na juventude, buscou soluções mais objetivas para o tema, perdendo o interesse pelas pautas que antes lhe haviam cativado.
19

20
Foto de Edith Stein tirada quando cla
ainda era universitária, cm 1912.
Em 1913, Edith Stein transferiu-se para a Universidade de Göttingen para estudar sob a orientação de Edmund Hus- serl, tornando-se sua assistente de ensino e posteriormente sua aluna nos estudos de doutorado. Na época, muitos estu- dantes de filosofia sentiam-se atraídos pela nova abordagem de Husserl - isto é, pela fenomenologia, teoria filosófica em que o mundo é percebido pelos sentidos e chega à mente humana de forma objetiva, diferentemente do que propu- nham as filosofias de Kant e Hegel. Os discípulos de Husserl entenderam sua filosofia como um convite para o concreto e para um retorno ao objeto (tal metodologia levou alguns de seus alunos e alunas à fé cristã, ainda que o alemão não tivesse essa pretensão). Nesta mesma universidade, Edith Stein conheceu outro filósofo, Max Scheler, que lhe chamou a atenção para o modo como ela enxergava o catolicismo.
Edith Stein com colegas universitários.
Max Scheler, filósofo
alemão fenomenologista.
21

Edmund Husserl, intelectual e professor universitário.
Em 1914, quando eclodiu a Primeira Grande Guerra, Edith frequentou um curso de enfermagem e serviu em um hos- pital militar austríaco. Nesse período difícil, ela cuidou de pacientes em enfermarias, serviu na sala de cirurgia e viu muitos jovens morrerem. Quando o hospital foi fechado, em 1916, ela seguiu Husserl como sua assistente para a ci- dade alemá de Friburgo, onde obteve seu doutorado summa cum laude,2 em 1917, após escrever uma tese intitulada "O problema da empatia".
Edith Stein como enfermeira na Primeira Guerra Mundial. Imagem retirada do arquivo privado de Dariusz Giemza.
Nessa época, uma situação lhe pareceu muito peculiar, na
Catedral de Frankfurt:
uma mulher comum, com uma cesta

de compras, entrou na igreja e parou para fazer uma breve oração. Esse acontecimento foi completamente novo para profundamente, pois nas sinagogas e igrejas
ela e a marcou
protestantes não é comum ver os fiéis entrar no templo para realizar orações pessoais fora dos encontros de culto, em co- munidade. Nas últimas páginas de sua tese, inclusive, ela re- lata que observou pessoas que, ao perceberem uma mudança interior em suas vidas, creem que esta ocorreu pela ação da graça de Deus - noção que lhe atrairia e lhe causaria certa perplexidade e curiosidade.
☆
Edith Stein vestida para o trabalho de enfermeira.
No outono de 1918, com o desejo de trabalhar de forma independente, Edith saiu do cargo de assistente de Edmund Husserl. Seu objetivo era obter uma cátedra na universidade para lecionar; quando retornou à cidade de Breslávia, Stein escreveu artigos sos fundamentos filosóficos da psico- logia. No entant lelamente, ela também leu o Novo Testamento, as Søren Kierkegaard e os Exercícios Espirituais de Santo de Loyola; e, após a leitura deste último, sentiu-se choda a colocar em prática os ensina- mentos ali apresentados.
22
23

24
Santo Inácio de Loyola, de Peter Paul Rubens. O grande fundador
da Companhia de Jesus também influenciou na conversão de Edith Stein através de sua profundidade espiritual.
MAIORE
GLO
QVICINO
IESV CHI
THE NUME
DERINT DE TEQVE ST
TI LVMBOS E
TAM GRAND
BITI SOLVTIONE
MPTI ESSE EBE
O verão de 1921 foi significativo para Edith, quando passou
semanas em Bergzabern (Palatinado), na propric-
dade da Sra. Hedwig Conrad-Martius, que também era dis- cipula de Husserl e havia se convertido ao protestantismo,
algumas
com o seu esposo. Em uma noite, Edith encon-
juntamente trou na biblioteca da casa a autobiografia de Santa Teresa d'Ávila. A leitura prendeu-lhe a atenção durante a noite toda e, ao finalizá-la, percebeu que havia encontrado a Verdade - e que toda a sua vida anterior àquele fato ganhava um novo
e verdadeiro sentido.
O batismo de Edith Stein ocorreu em 1o de janeiro de 1922, na Festa da Circuncisão de Nosso Senhor. Ela se encontrava ao lado da pia batismal, vestindo um manto branco de ca- samento de Hedwig Conrad-Martius, quando percebeu que havia em si a consciência contínua de que pertencia a Cristo (não apenas espiritualmente, mas também por meio de

seu sangue). Na Festa da Purificação de Nossa Senhora - outra data com referência ao Antigo Testamento - ela foi crismada pelo Bispo de Speyer em sua capela particular.
Imediatamente após sua conversão, Edith desejou ingressar em um convento carmelita, percebendo um chamado à vida religiosa e ao abandono de todas as coisas terrenas. No en- tanto, seus orientadores espirituais impediram-na de fazê-lo. Até a Páscoa de 1931 pou o cargo de professora de ale- mão e história na Irmas Dominicanas e na escola Convento de Santa Mada- empo, o Arquiabade Raphael atencorajou a aceitar extensas e questões femininas. Desta dica a confiança em Deus e o
de formação de p lena, em Speyer Walzer, da abadi palestras, principal forma, aprendeu abandono à Sua vontad
25

26
Edith Stein, intelectual e filósofa.
Imagem retirada do site edytastein.org.
Edith também realizou um trabalho incansável na tradução das cartas e dos diários do Cardeal Newman, escritos na épo- ca em que ele ainda não era católico, bem como das "Qua- estiones Disputatae de Veritate", de Santo Tomás de Aquino. Deste modo, compreendeu que a busca por erudição é tam- bém um serviço a Deus, o que muito a ajudou a levar seus trabalhos acadêmicos com maior seriedade. A fim de ganhar forças para os desafios da vida, visitava com frequência mosteiro beneditino de Beuron,3 para celebrar as grandes festas litúrgicas.
O
Em 1931, Edith Stein deixou a escola do convento em Speyer e novamente dedicou-se a trabalhar como professo- ra universitária, desta vez em Breslávia e Friburgo. Foi nes- sa época que escreveu "Potência e Ato", um estudo sobre os conceitos centrais desenvolvidos por Santo Tomás. Algum tempo depois, no Convento Carmelita de Colônia, ela re- escreveu esse estudo, transformando-o na sua principal obra filosófica e teológica: "Ser finito e ser eterno".
Edith Stein antes de entrar no Carmelo, em 1931.
27

28
Em 1932, Edith aceitou o cargo de professora na divisão católica romana do Instituto Alemão de Estudos Educacio- nais, da Universidade de Munster, onde desenvolveu estudos antropológicos e procurou ser uma ferramenta do Senhor o o que ensinava, buscando conduzir a Ele todos os que se aproximavam de seus ensinamentos.
em tudo
No ano de 1933, após severas medidas contra os judeus, Edith teve que abandonar seu magistério na universidade. No mesmo ano, ela se encontrou com a priora do Conven- to Carmelita de Colônia, desejando recolher-se e viver uma vida de participação nos sofrimentos de Cristo.
Edith ingressou no Convento Carmelita de Colônia em 14 de outubro de 1933, e vestiu o hábito carmelitano em 15 de abril de 1934, sob o nome de Irmã Teresa Benedita da Cruz. Em 21 de abril de 1935 proferiu os votos temporá- rios, e em 14 de setembro de 1936 a renovação de seus votos coincidiu com a morte de sua mãe, em Breslávia. Seus votos perpétuos foram proferidos em 21 de abril de 1938.

Retrato de Edith Stein com o hábito carmelita. Imagem retirada da Edith Stein Chapel, em Viena.
Edith Stein no dia de sua profissão religiosa, já sob o nome de Teresa Benedita da Cruz. Imagem retirada do site Aleteia.
A entrada de Edith Ste sentou uma fuga do mai divino. Ela dedicou-se
em suas intenções particu
Camelita não repre- esposta a um chamado eus pelo povo hebreu nha Ester havia vivido na histors sagrada, quando foi retira- mitando aquilo que a Rai- da de seu povo porque Deus a querra implorando ao rei em nome dos seus. Ela se via como uma pequena Ester, pobre e impotente, mas escolhida pelo grande e misericordioso Rei.

Em 1938, quando na Alemanha o nacional-socialismo in- tensificou a perseguição aos judeus, os superiores da beata enviaram-na (por precaução) para o Carmelo de Echt, na Holanda. Impelida pela compaixão para com os seus irmãos judeus, não hesitou em oferecer-se a Deus como vítima, su- plicando a paz e a salvação para o seu povo, para a Igreja e para o mundo inteiro. Desde então, resignou-se com a morte que Deus lhe havia preparado, submetendo-se à Sua vontade com alegria.
INRI
☆
Edith Stein com o hábito carmelita e staz irmá Rosa, em 1935.
SPES UNICA
Em Echt, Edith Stein concluiu apressadamente seu estudo so- bre São João da Cruz, místico e Doutor da Igreja, por ocasião do 400o aniversário de seu nascimento (1542-1942). A ela havia ficado claro que o conhecimento da cruz só pode ser alcançada por quem a experimentou completamente e é capaz de dizer: Ave Crux, spes unica. Não é por acaso que seu estudo sobre São João da Cruz intitula-se "A Ciência da Cruz".
30
A Exaltação da Santa Cruz, de Luigi Gregori. A Cruz não seria apenas tema de uma obra de Edith Stein, mas parte da sua vida. Imagem retirada do site da Basílica do Sagrado Coração em Indiana, nos Estados Unidos.

Com a ocupação nazista da Holanda dando início ao extermínio dos judeus daquela na- ção, os bispos holandeses protestaram energi- camente com uma Carta Pastoral. As autori- dades totalitárias, por vingança, incluíram no programa de extermínio também os judeus que professavam a fé católica. Edith Stein, junto com sua irmã, Rosa Stein, que também havia se convertido e estava trabalhando no Convento de Echt, foi presa pela Gestapo em 2 de agosto de 1942, enquanto se encontrava na capela com suas irmãs freiras. Suas últimas palavras registradas em Echt dirigiam-se a Rosa, e foram um convite para que se unissem ao seu povo.
Juntamente com muitos outros cristãos que eram judeus, Edith e Rosa foram levadas um campo de trânsito em Amersfoort e de- pois para Westerbork. Edith foi surpreendi- da com o tamanho da maldade humana e o para sofrimento que era imposto aos seus irmãos e irmás. Ela não cessou de rezar em nenhum momento e sabia que seria ouvida por Deus em sua aflição, sendo uma autêntica testemu- nha da presença de Deus em um mundo não O reconhecia mais. que
Na madrugada de 7 de agosto, um carrega- mento de 987 judeus partiu para Auschwitz. No dia 9 de agosto, a Irma Teresa Benedita da Cruz morreu no campo de concentração de

Auschwitz, junto com sua irmá Rosa e muitas outras pessoas cujos nomes desconhecemos, pois não há muitos registros oficiais ou docu- mentais sobre o episódio de sua morte.
32
☆
São João Paulo II, o
papa que beatificou e canonizou Santa Teresa Benedita da Cruz.

A Irma Teresa Benedita da Cruz foi beatificada na catedral de Colônia, no dia 1° de maio de 1987, pelo Papa São João Paulo II, e no dia 11 de outubro de 1997 foi canonizada pelo mesmo papa, que muito admirou seu conhecimento fi- losófico e (ainda mais) seu testemunho de fé diante de todas
as adversidades.
Que do Céu ela interceda por todos nós, para que possamos cantar junto com ela as glórias daqueles que são fiéis ao amar a Cruz de Nosso Senhor, que por nós morreu e ressuscitou.
Santa Teresa Benedita da Cruz, rogai por nós!
NOTAS:
Papa João Paulo II, Homilia por ocasião da beatifica- ção de Edith Stein, Colônia, 1o de maio de 1987.
2 Isto é, com a máxima distinção. (N.E.)
3 Beuron é um município localizado no distrito de Sig- maringen, em Baden-Württemberg, Alemanha. (N.E.)
4 "Salve a Cruz, nossa única esperança" (N.E.)
EDITH STEIN E SÃO JOÃO DA CRUZ
34
34
QUEM SOUBER MORRER PARA TUDO TERÁ VIDA
EM TUDO
Theresa Benedicta a Cruce percorreu um caminho único de comunhão com Deus. Abençoada com a Cruz desde a in- fância - pois perdeu o pai antes dos dois anos de idade - so- mente nos últimos anos de sua vida teve contato íntimo com aquele que se tornaria seu Pai e Fundador: São João da Cruz.
35

prò te
nomine
Pan et contenint
Retrato de João da Cruz, de Arnold van Westerhout.
Sua conversão e descoberta da vocação religiosa deu-se di retamente com a leitura do Livro da Vida, de Santa Teresa de Jesus. Não obstante, o autor que deixou marcas mais radouras em sua vida foi São João da Cruz. Não sab exatamente, se ela leu muitas obras do grande refor carmelitano - pois naquela época os seus escritos não de fácil acesso - mas sua obra-mestre, "A Ciência da C baseada na "Subida do Monte Carmelo". Além disso, com cemos o escrito "A Expiação Mística de São João da Cru elaborado por Edith. Uma coisa, porém, é certa: a Santa Cruz foi o ponto de união entre esses dois santos, pois o so- frimento à luz da Graça foi uma verdadeira dádiva concedeu a esses dois bem-aventurados.
que Deus
36
JiJn. Hela 7

Réplica da assinatura de São João da Cruz.

No caminho espiritual de Edith, a Cruz e sua sabedoria The renderam profundos marcos interiores. Secretum meum mihi1 era o modo com que respondia quando a questiona- vam a respeito de sua conversão; ainda assim, é possível as- sinalar os eventos mais importantes de sua vida com a chave interpretativa da Cruz de Nosso Senhor.

Sua abertura à fé aconteceu num primeiro encontro com a Cruz, quando a esposa de um colega seu, que era filósofo, ficou viúva do marido. No dia do velório do colega, ao se dirigir à viúva para consolá-la, ficou impactada com a força interior que Anna Reinach demonstrava naquele momento de sofrimento, perguntando-se se aquilo já não era uma ma- divina na alma humana. A própria nifestação da presença santa afirmou isso antes de sua morte, conforme nos relata uma de suas estudiosas e filha espiritual:

"Este foi a me primeiro encontro com a cruz e com
a
a força es que ela transmite aos que a carre- gam. Pela poeira vez, vi de modo palpável dian- te de mine a Igreja de Cristo, nascida da Paixão do Salvador na sua vitória contra o aguilhão da morte. Foi o momento em que a minha descrença desmoronou, o judaísmo se apagou e Cristo resplan- deceu: Cristo no mistério da Cruz. Por isso mesmo, por ocasião da minha tomada de hábito na Ordem (carmelita), a minha única vontade não podia ser outra senão receber esse nome: da Cruz."2

37

São João da Cruz e Santa Teresa d'Ávila, Reformadores do Carmelo.

Edith se destacou em seus estudos desde cedo: na festa de sua formatura do colégio foi caracterizada pelo diretor como uma pedra de sabedoria, e ao finalizar a sua graduação, con- forme citamos anteriormente, recebeu a condecoração Sum- ma cum laude com máximo louvor demonstrando assim sua
capacidade intelectual ímpar. Mas também soube aliar uma vida de virtudes às suas capacidades intelectuais.

38

Quando lecionava, suas alunas percebiam suas virtudes de diversas maneiras: pela seriedade com a busca pela verdade e pelo jeito de tentar cativar na fala; pelo silêncio que a fazia reservar as palavras para o momento certo e pela capacidade de olhar para o outro; enfim, por tantas virtudes humanas que, até a data do seu batismo, aproximavam e preparavam
sua alma para receber as grandes graças que Deus lhe tinha reservado.

Após a sua conversão, a carreira intelectual não preenchia mais o seu coração e Deus a estava guiando para a vocação carmelitana. Nela, seus esforços seriam coroados com a paz e o silêncio próprios da vida contemplativa, pois era tão so- mente isso que sua alma buscava. E assim lhe foi confirmada a vocação logo nos primeiros dias que viveu no Carmelo.

Por volta de 1939, quando já tinha professado os votos so- lenes e assumido o nome de Teresa Benedita da Cruz, Edith avançava no caminho da santidade. Atraída pelo mistério da Cruz, no qual reconhecia o supremo fim de sua vida, ficou encantada pela espiritualidade de São João da Cruz, que co- nheceu durante seus anos de Carmelo
Foi o seu amor
tana, o qual as
"escola da C
à sua principa

profundamente douthura
to foi imolado, expos de mane
to da Ordem Carmeli- redlogia da Cruz” e a lo que daria origem interpretando onde Cris-
profissão de
fé muito pessoal e utilizando o dominava muito bem – a donutTAN seu grande mestre espiritual. Deste mit você recebeu em sua casa.
ico, que
hendido de
obra que
39

São João da Cruz num estase de amor à Cruz. de Antonius Wierix II. Imagem retirada do Metropolitan Museum

Edith dividiu o ensaio da obra em três par- tes: as duas primeiras, intituladas "A Mensa- gem da Cruz” e “A Doutrina da Cruz”, fo- ram concluídas quando ainda estava viva; a terceira, denominada “A Imitação da Cruz”, foi apenas iniciada - e seria "escrita" com os acontecimentos de sua própria vida, quando foi perseguida pelos nazistas e morta em 9 de de 1942, em Auschwitz.
agosto

As páginas escritas por Edith Stein contêm uma grande profundidade filosófica e teo- lógica e surpreendem pela capacidade úni- ca de uma pessoa apaixonada pela Verdade, que encontrou em seus mestres os exemplos que deveria seguir. São João da Cruz foi o principal deles, pois unia todo o seu profun- do conhecimento teológico à vida espiritu- al extraordinária que viveu, permeada com inúmeras perseguições e toda sorte de sofri- mentos.
A relació Cru
Suap com São João da to além de uma afi- raizes no espiri que transbordou
secundo os
passos qu
bem, Assin, chuidver mergulhada navida
do o silêncio Can to escondido na prop um castelo e atraves
me apraz ao Senhor

no tempo estão configurados para a Com efeito, a santa que tanto amou a Cruz dizia: "Todo o nosso ser e devir e agir. eternidade, têm um sentido para a eternidade, e só produzem clareza para nós se e à medida que os pusermos sob a luz da eternidade".3 Afinal, "a alma humana, já naturalmente por ser espiritual, não pode morrer" e "quem não encontra a Deus, também não chega a si mesmo "5

Se, pois, Edith Stein bem imitou São João da Cruz, sendo- -lhe uma fiel discípula, também nós podemos seguir esse caminho, com um verdadeiro espírito de discipulado para com tão grande santa, que nos ensina a amar a Deus com todo o entendimento e de todo o coração.

São João da Cruz tendo uma visão mística,
de Antonius Wierix II.
Imagem retirada do Metropolitan Museum.

São João da Cruz contemplando a Cruz, de Jean Audran. Imagem retirada do Metropolitan Museum

Esse foi o itinerário empreendido por São João da Cruz, no século XVI - o mesmo que foi percorrido por Santa Teresa Benedita da Cruz, no século XX; e que também foi trilhado por tantos grandes santos e santas por amor ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Que digamos juntos com Santa Teresa Benedita da Cruz aquilo que ela tantas vezes excla- mou: Ave Crux, spes unica!

A MISSÃO DA MULHER SEGUNDO EDITH STEIN

Para saber mais sobre a dou- trina espiritual de São João da Cruz, assista ao vídeo que disponibilizamos em nosso canal do YouTube.

NOTAS:

1. "O meu segredo é para mim" (Is 24,16).
2. TERESA RENATA DO ESPÍRITO SANTO, Edith Stein: Schwester Teresia Benedicta a cruce, Philosophin und Karmelitin; ein Lebensbild, gewonnen aus Erinnerun- gen und Briefen, Nuremberg, Glock und Lutz, 1952, p. 18 (tradução nossa).
3. SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ, Obras Com-
pletas - Vol. IV: Escritos Antropológicos y Pedagógicos, Burgos,
Monte Carmelo, p. 84 (tradução nossa).
4. SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ, Obras
Completas - Vol. II: Escritos filosóficos. Etapa fenomenológica, Burgos, Monte Carmelo, p. 461 (tradução nossa).
5. Ibid., p. 465 (tradução nossa).

de pen-

Com o surgimento de novas ideologias e correntes samento, a fé cristã é alvo de diversas críticas e ataques. Um humana pessoa dos pontos mais combatidos é a questão da e sua defesa. Por isso, cabe a nós, católicos, dar as razões da nossa fé e realizar a defesa permanente da dignidade huma-

na.

Nesse embate, todas as bases da civilização cristã são questio- nadas, inclusive as que tratam da natureza feminina. Surgem dúvidas como O que é ser mulher?", "o que faz ou deveria fazer uma mulher?" e até mesmo dúvidas sobre a existência de uma natureza feminina - e é exatamente isso que quere- mos abordar neste último artigo, enxergando a natureza e a missão da mulher a partir dos ensinamentos luminosos de Santa Edith Stein.

A concepção feminista advinda do marxismo, baseada na defesa de filosofias reivindicatórias, é apresentada erronea- mente como a única visão possível sobre a mulher. A per- gunta sobre o papel familiar, sociocultural, político e labo- ral da mulher parece ter sido superada, em especial quando tenta homologar o ser feminino ao masculino e reduzir sua plenitude à liberdade absoluta e autodeterminação indivi- dualista (ideais que recebem louvores desde o período pós- -moderno).

Diante disso, não podemos esquecer como, dentro do cristia- nismo, surgiram e continuam surgindo personalidades que estabeleceram pontes entre a cultura e a fé católica. Nesse sentido, Edith Stein - filósofa de origem judaica, posterior- mente sufragista ateia e, após sua conversão, monja carme- lita, mística católica e mártir, que foi canonizada em 1998 e têm diversos escritos sobre a concepção da natureza da mulher - continua a nos iluminar para a construção de uma sólida posição sobre a feminilidade cristã. Seu pensamento, tão

cordialmente comprometido com o entendimento da situação das mulheres de sua época, continua sendo uma fonte clara e vital, a qual articula a fé e o compromisso com a ordem natural.
A Virgem do Pilar, de Jose Campeche y Jordan.
Nossa Senhora é modelo máximo de mulher e tinha a veneração dos Apóstolos, que a serviam.
Retrato da família inteira de Edith Stein
(seus pais e irmãos).
47

O pensamento steiniano em torno da mulher, desenvolvido sistematicamente entre 1928 e 1933, baseia-se fundamentalmente na bus- ca do núcleo central da pessoa humana e no encontro pessoal com Deus, não apenas por meio do mundo exterior, mas também pela exploração do mundo interior da pessoa. Ao contrário das novas posições teológicas referentes a esse assunto, a santa não se afasta do desenvolvimento teológico que a precedeu, mas se utiliza dele, unindo-o com todos os recursos próprios das escolas filosóficas nas quais baseia sua postura - tanto a fenomenoló- gica quanto a neotomista.
A feminilidade de Edith brilha diante de nos- sos olhos: é cifrada na capacidade da mulher de sair de si mesma para voltar-se ao mundo exterior - a família e a profissão - bem como na aptidão oposta de receber e captar tudo de bom e belo que as realidades humanas trazem consigo.
Qual é, então, a vocação da mulher? Essa é a pergunta que surge a partir do que foi dito; ademais, existe uma vocação profissional pro- priamente feminina? A resposta de Edith Stein para a questão é um sonoro "sim". Esse "sim" depende do modo como a mulher se de- senvolve, a partir de sua vida interior para o mundo exterior. Esse modo compreende tan- to a base da vida social humana, que é o mun- do doméstico, quanto a expressão profissional de suas capacidades adquiridas, o mundo ex- tradoméstico.
Pintura de Władysław Kolbusz mostrando Edith Stein sentada em frente às montanhas.
Fotografia de Kamil Gaszowski retirada do site fonte.gosc.p
Primeiramente, a mulher é configurada para ser companhei- ra do homem e mãe de seres humanos. Para isso, seu corpo está preparado biológica e psicologicamente - o que explica a sua especificidade anímica. Enquanto o homem geral- mente vive um distanciamento consigo mesmo, devido ao uso instrumental de seu corpo, a mulher vive uma estreita união com este último, sendo afetada interiormente por sua dimensão corporal. Isso está conectado com sua vocação. à maternidade.
48
49

Pa se coloca inteiramente nas mãos do homem ao participar
A colaborando com o amor que os une para a ma- cdo pessoal e desempenha sua maternidade na proteção oks Assim, a primeira vocação humana é a doméstica, na e educação de seus filhos, entregando-se completamente a gual o desdobramento da pessoa humana começa e termina (anto para o homem, quanto para a mulher).
Sagrada Familia de
Essa degeneração da feminilidade ocorre na medida em que afetividade se fixa em si mesma, em vez de se aproximar do outro, e ocorre devido ao desconhecimento ou desinteresse pelas capacidades naturais da feminilidade e sua projeção vi- ral, o que acaba se afastando do seu ser em estado originário. Depois de esclarecer isso, a doutrina de Stein

afirma que as mulheres estão dispostas a exercer outras vocações profissio- nais distintas das de esposa e mãe. É inegável, na posição de nossa filósofa e santa, que a fé leva a mulher, de forma segura e cuidadosa, a uma vida madura e plena, em que tudo o que é genuinamente humano se integra de maneira especial pela vida da graça. E é essa a nova vida do Evangelho.

Se o pecado causou e ainda causa a desordem na relação entre homem e mulher, a restauração da natureza humana é realizada pela redenção de Jesus Cristo, sendo esta capaz de - e de tornar plenas restabelecer a ordem relacional original as relações entre mulher e homem, o que possibilita a co- laboração harmoniosa e a distribuição concorde da divisão profissional de papéis.

Em segundo lugar, é verdade que essa dupla ser cumprida se houver uma atitude correta ei si mesmo. A tendência natural da mulher hoje, que coffe ponde a um desvio da verdadeira natureza de sua criação, é uma inclinação para a sobre-estima da própria pessoa e de seu entorno. Manifesta-se em um interesse desenfreado pelos outros, suas atividades e afetividades. É um desejo dis- torcido de totalidade e completude, como um anseio por ter conhecimento de tudo e, portanto, experimentar algo de tudo e não aprofundar-se em nada.

Edith Stein quando estava trabalhando como enfermeira durante a Primeira Guerra, antes de ingressar no Carmelo. Imagem retirada do arquivo privado de Dariusz Giemza.

50

51

Essas duas atitudes são a expressão exterior da vida doméstica e extradoméstica, que são vividas em uma relação (entre homem e mulher) restituída por Cristo. Sendo duas tarefas distinguíveis, é único o trabalho: a maturação pessoal na entrega para o crescimento do outro.

O trabalho da mulher é "melhorado" pela relação har- moniosa com o trabalho masculino; e, sobrenatural- mente, por sua relação com Deus em Jesus Cristo. Isso torna a mulher "mais mulher", pois ela não está mais limitada em suas capacidades - por conta de sua situa- ção anterior, de natureza decaída - mas fecundada pela graça que integra, desde o íntimo, todo o seu trabalho (doméstico e extradoméstico, individual e social, con- jugal e maternal). E esta graça não é senão o próprio Cristo, que coopera no coração humano quando ele o permite, independente de suas fraquezas.

A mulher é chamada ao amor. Ela desdobrará suas ca- pacidades naturais, como a função cognitiva integral (intelectivo-sensível), o ensino, o cuidado e a ternura que não perde a firmeza, desenvolvendo seu ser femini- no. Mas será a vida de fé - a presença de Deus em sua vida! - que dará sentido e força ao seu cotidiano para entregar-se ao outro. Suas capacidades naturais trazem uma base para que se realize o sobrenatural. É que apenas com a palavra "maternidade" podemos sin- por isso tetizar o que dissemos sobre a especificidade feminina até agora.

A autêntica maternidade é, ao mesmo tempo, uma vo- cação natural e sobrenatural: no "lado" natural, con- siste em educar os filhos para esta vida e conduzir suas forças físicas e anímicas para o melhor desenvolvimen- to; e no "lado" sobrenatural, em formar filhos de Deus.

52

A Virgem do Carmo, modelo máximo de mulher, junto a Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz, reformadores do Carmelo e pais espirituais de Santa Edith Stein.

A mãe tem um laço de amor único com seu filho, pela união
íntima natural, biológica e psicológica que se estabelece des- de a sua concepção. Por isso, para a formação educativa e espiritual de seus filhos, realizará um "abraço empático" que sai de si para a experiência do outro. Essa vocação - natural originária, tanto feminina como masculina - pode ser al- cançada apenas por meio de uma autêntica relação filial com Deus.
Este é o ponto-chave do pensamento
e
steiniano.
A realidade mostra que as diferenças naturais entre o ho- mem e a mulher não são apagadas pelas fé cristã, mas sempre é válido recordar o antigo axioma que diz que "gratia perficit,
non destruit naturam".1 Por isso, enquanto a mulher viver sob o fundamento eterno, manifestará plenamente sua espe- cificidade feminina - e isso só ocorrerá se ela tiver um olhar aberto para o exterior, que não se fecha, mas que se relaciona de modo plenamente humano com todos os que a rodeiam.
Para permanecer protegida da atrofia de sua humanidade e feminilidade, suas atividades devem ter o centro e a meta que trouxemos à luz. A especificidade da mulher consiste essencialmente na particular receptividade da ação de Deus na sua alma, e chega a seu pleno desenvolvimento se nos abandonamos a esta ação confiadamente, sem reservas.
Santa Ana e Nossa Senhora no
episódio em que o Espírito
Santo proclama que a Virgem Santíssima é a mais bendita entre todas as mulheres, de Ambrosius Benson.
- uma vida maternal e es-
A vocação feminina também é autêntica quando abrange a
opção por uma vida consagrada ponsal no sentido espiritual. A mulher que ouve o chamado para uma entrega total ao amor divino, encontra a mais alta santa maternidade, o mais alto e santo desenvolvimento da vocação da mulher. Portanto, não é necessário ser esposa ou mãe no sentido biológico para alcançar o ápice da es- pecificidade feminina, o que de modo algum significa uma desvalorização da maternidade e do casamento.
O divino abraça o humano. A maternidade e o casamen- to são elevados pela fé e o sacramento. É a própria vida de Deus que restaura a natureza decaída da pessoa, restitui as capacidades relacionais entre homem e mulher e eleva para si a especificidade da mulher, tornando cada mulher capaz de alcançar o auge da feminilidade. É a obra da redenção de Cristo que nos torna filhos de Deus na medida em que correspondemos a ela.
Essa filiacão tem um valor inestima- je o da masculinidade e da fe- velmente mais elevad minilidade.
Sem dúvida mulher, um
eixa, com sua base teórica sobre a in oportunidade de "posicionar-se diante do mundo, buscando compreender a realidade. Além disso, sua concepção de mundo é coerente com as verdades ela e não compor- por da Revelação, pois se deixa iluminar ta obstáculo algum para a vida da fé. É possível, assim, co- laborar com o enriquecimento pessoal, na consciência do mistério insondável de Deus, enquanto se realiza uma ponte de diálogo para com a cultura e os homens de boa vontade.
Que esta santa mulher interceda por todos nós nesses tem- difíceis, especialmente as mulheres, e que as artimanhas pos deste mundo não desviem tantas e tantas almas do caminho da verdade do Evangelho, fonte de toda alegria e fim último de cada vocação.

Santa Teresa Benedita da Cruz. Possivelmente
esse seja o último registro fotográfico da santa carmelita.
NOTAS:
"A graça não destrói a natureza, mas leva ao cum- primento as suas potencialidades".
Suma Teológica, 1, 1, 8 ad 2.
56
AVE
CRUX
SPES
UNICA